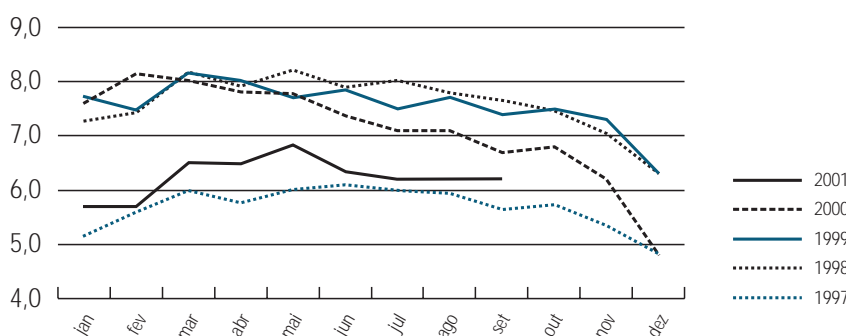


2 EMPREGO E RENDA

A informação que mais despertou a atenção nos dados divulgados pelo IBGE relativos à PME de setembro último foi a estabilidade da taxa de desemprego que, pelo terceiro mês consecutivo, foi de 6,2%. Este patamar é significativamente inferior ao observado nos três mesmos meses de 2000, quando a taxa foi de 7,2% em julho, 7,1% em agosto e 6,7% em setembro.

GRÁFICO 2.1

Taxa de Desemprego Metropolitano – 1997/2001

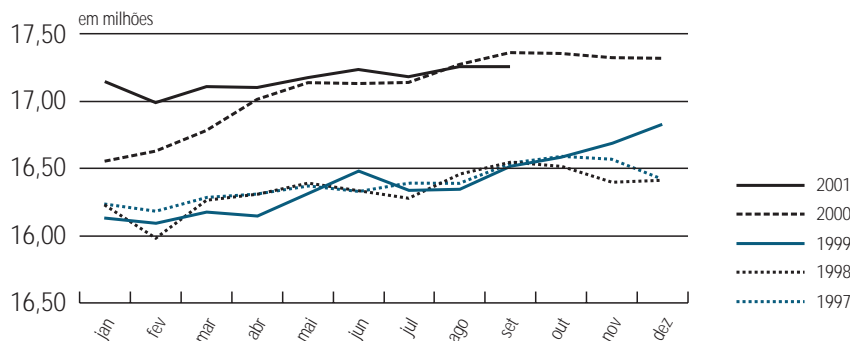


Embora em uma primeira análise este pareça ser um dado alentador, outros agregados relativos ao desempenho do mercado de trabalho apresentaram resultados bem menos satisfatórios. Começando pelo nível da ocupação, ou número de postos de trabalho existentes nas seis regiões metropolitanas pesquisadas pela PME, o nível de setembro – 17,26 milhões – foi, para todos os efeitos práticos, o mesmo observado no mês anterior. Em relação ao mês de setembro do ano passado, houve uma redução líquida de cerca de 100 mil postos de trabalho. Embora seja imperativo ressaltar que, dado o contexto econômico, este é um desempenho até superior ao que chegou a ser temido, o fato concreto é que o mercado de trabalho das seis regiões metropolitanas cobertas pela pesquisa encontra-se estagnado ao longo dos últimos meses, com o nível da ocupação oscilando em torno da marca de 17,2 milhões de postos de trabalho.

O motivo para a coexistência de estagnação da ocupação e taxas de desemprego relativamente baixas é o encolhimento da PEA. De fato, em setembro deste ano havia 200 mil pessoas a menos no mercado de trabalho que no mesmo mês no ano passado, apesar do crescimento demográfico da população em idade ativa

GRÁFICO 2.2

Evolução do Nível de Ocupação Metropolitano – 1997/2001

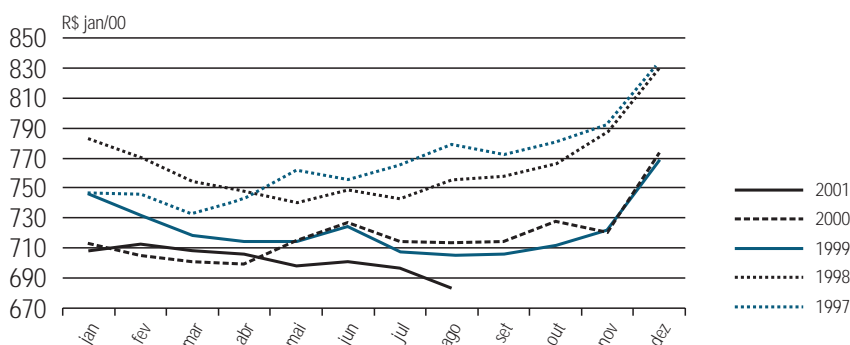


(PIA). Quanto este fator é levado em consideração, através da taxa de participação – que caiu de 58,4% para 56,2% no período –, a redução da pressão no lado da oferta é ainda mais expressiva pois, caso ela tivesse se mantido no mesmo nível, haveria cerca de 700 mil pessoas a mais no mercado, o que contribuiria para elevar a taxa de desemprego.

Há várias razões pelas quais as pessoas podem se retirar voluntariamente do mercado de trabalho (ou adiar seu ingresso): aposentadoria, permanência ou retorno à escola, desalento acarretado pela redução da atratividade, como decorrência da escassez de oportunidades, são as principais delas. Dada a magnitude da queda, parece bastante provável que o desalento tenha ocorrido em escala apreciável.¹ De forma geral, a situação parece bastante similar à observada em 1997 e, no sentido inverso, no final de 1999/início de 2000. Resta saber, contudo, por quanto tempo este possível desalento permaneceria contribuindo para atenuar a pressão da oferta e, na ausência de expectativas palpáveis para o reaquecimento da demanda, manter a taxa de desemprego em patamares baixos.

GRÁFICO 2.3

Evolução do Rendimento Real Médio – 1997/2001



Retornando à questão da ocupação, uma informação digna de registro é a elevação do grau de formalização (emprego com carteira assinada *vis-à-vis* total de ocupações). Na verdade, quando se comparam os meses de setembro de 2001 e 2000, a formalização não só passou de 42,4% para 45,1%, como o emprego com carteira foi o único tipo de inserção no mercado de trabalho a crescer em termos absolutos. Essa constatação se torna mais importante quando se observa que o emprego na indústria, o segmento tradicionalmente mais formalizado, não cresceu segundo os dados da PME e da Fiesp.

Quanto aos rendimentos médios, o panorama também não é muito favorável. Após ter permanecido praticamente estável nos três meses anteriores, embora em valores abaixo daqueles dos respectivos meses em 2000, o rendimento médio real apurado pela PME voltou a cair no mês de agosto último, quando foi 1,9% inferior ao de julho, fazendo com que, na comparação com agosto do ano passado, essa diferença se ampliasse para cerca de 4,5%.

Essa queda do rendimento médio real, associada à estagnação do nível da ocupação, fez com que a massa de rendimentos experimentasse uma diminuição de 1,4% em agosto último, acumulando uma contração de 4,6% em relação a agosto de 2000.

A queda dos rendimentos médios, principal fator a determinar a expressiva contração que vem ocorrendo na massa de rendimentos, foi mais acentuada, na comparação com agosto do ano passado, na indústria² (cerca de 7%), enquanto a construção civil foi o único segmento a experimentar aumento, ainda que de magnitude bastante pequena.

1 Vale destacar, todavia, que este fenômeno não foi captado ainda pela PED em São Paulo, e apenas de forma branda em outras metrópoles.

2 Os dados da Fiesp, ao contrário, indicam um pequeno crescimento, da ordem de 3%.

TABELA 2.1
Indicadores de Emprego e Rendimento

Período	Resultado Acumulado no Ano (%)		Criação Líquida de Postos de Trabalho (Em Mil Pessoas)		
	Rendimento Médio Real das Pessoas Ocupadas	Massa Salarial Real das Pessoas Ocupadas	Em Relação a Igual Mês do Ano Anterior	No Ano ^a	
1999	Janeiro	-4,15	-4,70	-93	-279
	Fevereiro	-4,64	-4,60	109	-320
	Março	-4,68	-4,81	-88	-233
	Abril	-4,54	-4,88	-160	-266
	Maio	-4,22	-4,57	-73	-95
	Junho	-4,02	-4,17	142	68
	Julho	-4,10	-4,18	61	-71
	Agosto	-4,38	-4,53	-109	-64
	Setembro	-4,62	-4,78	-29	108
	Outubro	-4,91	-5,01	71	175
	Novembro	-5,26	-5,19	295	279
	Dezembro	-5,50	-5,23	418	418
2000	Janeiro	-5,03	-5,54	423	-273
	Fevereiro	-4,38	-1,53	538	-200
	Março	-3,83	-0,73	604	-48
	Abril	-3,39	-0,24	864	180
	Maio	-2,77	1,15	822	308
	Junho	-2,17	1,76	650	300
	Julho	-1,74	2,33	796	306
	Agosto	-1,40	2,89	928	446
	Setembro	-1,14	3,24	844	534
	Outubro	-0,83	3,59	766	523
	Novembro	-0,78	3,58	631	491
	Dezembro	-0,63	3,61	490	490
2001	Janeiro	-0,66	3,52	593	319
	Fevereiro	-0,63	3,41	357	157
	Março	-0,61	3,29	324	277
	Abril	-0,60	3,09	93	273
	Maio	-0,77	2,71	39	347
	Junho	-0,99	2,32	104	404
	Julho	-1,09	2,05	48	355
	Agosto	-1,26	1,70	-16	430
	Setembro	n.d.	n.d.	-106	427

Fonte: IBGE/PME. Elaboração: IPEA/DIMAC.

^a População ocupada no mês de referência menos população ocupada em dezembro do ano anterior.

n.d. = não-disponível.